OS “OUTROS” ESPELHOS

No dicionário de língua portuguesa podemos ler: “do latim *speculo*, o espelho é uma superfície altamente polida para produzir a reflexão regular dos raios luminosos e das imagens dos objectos; tudo o que revela ou reproduz.” Vemos por aqui que a palavra espelho reflecte ou reproduz as imagens dos objectos e também das pessoas na sua exterioridade.

Contrariamente àquilo que muita gente possa pensar, as pessoas com quem contactamos, seja no lar, no trabalho, no nosso círculo social de amigos e de pessoas conhecidas, têm também o condão de nos reflectirem, ou seja, de serem os nossos próprios espelhos, mostrando a nossa interioridade. É nas interacções que ao longo da vida vamos tecendo com outros seres humanos, que projectamos a nossa individualidade. Na realidade, os defeitos que muitas das vezes vemos nos outros, não são nem mais nem menos do que um reflexo de nós próprios, da nossa *famigerada interioridade*, preche de falhas e de pontos fracos que no quotidiano se manifestam, e que vamos ocultando, culpando o próximo.

Sendo o outro, o nosso espelho, compete-nos aprender a observar e a retirar as verdadeiras ilacções, da nossa própria *persona*, porque mais cedo ou mais tarde vamos ter que fazer uma escolha, entre identificarmo-nos com a falsa personalidade, ou então, vencermos a tentação e laborarmos em favor do espírito.

Este conflito interno que decorre da constante competição entre as pessoas, das disputas entre grupos, abrange também a concorrência entre países, que levada ao extremo resulta em más relações e posteriormente em guerras. A suposta salvação colectiva só existe, quando cada um de nós, entender que primeiro tem que trabalhar na sua libertação interna individual. O destino é pessoal e cada qual responde por si. É o indivíduo que se reflecte no conjunto através da sua harmonia, ou desarmonia.

Todos nós temos o nosso *calcanhar de Aquiles*, e conforme as nossas tendências assim serão as nossas tentações. Pergunto: Quantas vezes já caímos? Muitas, não importa quantas! Devemo-nos levantar e continuar, porque o único fracasso está em deixar de lutar! A nossa filosofia é bem clara quando nos diz para relacionarmos o efeito à causa, e assim tomarmos consciência da falha. Quando a mesma prova reaparecer no nosso caminho sob um novo disfarce, qual manha da personalidade, nós já estaremos mais preparados para a sobrepujar.

O mais importante é entendermos que para servirmos nas grandes coisas devemos primeiro ser fiéis nas pequenas coisas. Heindel afirmou por diversas vezes que: *o verdadeiro herói não é o que faz grandes coisas que promovem a personalidade, mas o que discreta e firmemente vive a vida, cumprindo as pequenas coisas do aqui e agora de forma consciente, esclarecida e amorosa*. Se queremos servir numa esfera mais ampla, torna-se necessário fazer o nosso trabalho de casa, e ser fiel nas pequenas coisas, porque quem é fiel no pouco também o é no muito.

Estejamos atentos à interacção com o nosso próximo, é fácil viver quando não temos ninguém a chatear-nos. Usemos o nosso discernimento, porque as pequenas falhas tornam-se grandes e graves numa pessoa mais evoluída. Usemos a observação mais detalhadamente, para entender o porquê da desarmonia com o outro, ele ou ela estão a ser nossos amigos porque estão a permitir reflectirmos o nosso interior.

António Ferreira
2021-0516